

# Desenho e escrita no período inicial da alfabetização\*

---

*Valéria Silva Ferreira*

*Maria Lucia Faria Moro*

Sem dúvida, a origem da compreensão do sistema da escrita alfabética pelas crianças localiza-se antes da vida escolar, tornando o papel da pré-escola fundamental. Talvez por isso, dentre outros motivos, é comum remeter a responsabilidade pelo insucesso da aprendizagem da escrita à pré-escola.

Com base em nossa experiência profissional, podemos dizer que a maioria das pré-escolas acredita que o desenvolvimento motor é pré-requisito para a criança alfabetizar-se. O trabalho pedagógico fica restrito, então, aos exercícios de prontidão, desprezando as conceitualizações da criança pequena a respeito do sistema da escrita.

Segundo essa concepção da alfabetização, o desenho na pré-escola é tido como uma atividade que ajudará o desenvolvimento de habilidades motoras, e fica totalmente desvinculado da idéia de expressão, de significação gráfica.

Na abordagem construtivista, o desenho é uma das formas de representação, isto é, produção da função semiótica, representativa de algo do mundo real, símbolo de primeira ordem e que permite evocar diretamente o objeto.

Assim como o desenho, a literatura já aponta-nos, suficientemente, que a escrita também é uma forma de representação e deve ser construída. Sendo assim, a alfabetização é um processo por meio do qual a criança busca compreender um dos mais complexos sistemas de representação de significações sociais.

Mas há relação desses dois sistemas de representação, desenho e escrita, na aprendizagem desse último? Que tipo de relação é essa?

\* Este artigo é derivado de trabalho defendido como dissertação de mestrado em Educação, pela primeira autora, sob orientação da segunda, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

Este artigo concerne a um estudo que aborda as relações entre desenho e escrita nos momentos iniciais de elaboração da escrita alfabética de crianças em idade pré-escolar, na perspectiva de tentar responder a essas questões.

Na literatura especializada, encontramos indícios da relação entre desenho e escrita no desenvolvimento inicial do sistema de escrita nos trabalhos de Freinet (1989), Vygotsky (1991), Luria (1988), Ferreiro e Teberosky (1991), Tolchinsky e Levin (1990), Luçart (1983), Lacerda (1995), Garcia (1994), Pillar (1996). Todos esses autores citados indicam que a construção do sistema de escrita inicia-se antes do ensino regular e que o desenho exerce algum tipo de influência nessa aquisição.

Freinet (1989) diz que o desenho evolui da fala e que, a partir da convivência com a escrita do adulto, a criança começa, por imitação, a repeti-lo no seu próprio desenho, não sabendo bem o que representa. Ele diz: "...o processo empregado para o desenho transfere-se agora para escrita, impelindo a criança para experiências por tentativas que conduzirão igualmente ao seu domínio" (p. 49).

Vygotsky (1991) destaca o papel do desenho na aprendizagem da escrita como um processo que evolui do simbolismo de primeira ordem para o simbolismo de segunda ordem. A história da linguagem escrita possui uma pré-história que tem início antes do ensino regular, quando a criança faz a descoberta de que, além de desenhar as coisas, também é possível desenhar a fala.

Partindo desse mesmo pressuposto, Luria (1988) diz que, no processo de apropriação da escrita, a criança precisa passar a fazer a distinção do diferenciado e do não diferenciado dos seus entes gráficos, e destaca o surgimento de elementos gráficos que servem para recordar o conteúdo daquilo que deseja.

Ferreiro e Teberosky (1991) preocuparam-se em investigar as hipóteses cognitivas que as crianças vão elaborando durante o processo de aquisição da escrita. Ao investigarem a diferenciação entre desenho e escrita, apontaram que, primeiramente, desenho e escrita estão indiferenciados, constituem uma unidade, e o texto relaciona-se diretamente com o desenho. Posteriormente, a escrita diferencia-se da imagem, atribuindo-se ao texto o enunciado verbal associado à imagem, independentemente da fragmentação gráfica. Desenho e escrita, segundo as autoras, possuem uma relação a ser investigada.

Tolchinsky e Levin (1990) descrevem diferentes tipos de código gráfico e as interpretações das crianças dos seus caracteres. Já Goodman (1995) fala que as crianças pré-escolares usam marcas, assinalando seus próprios desenhos com a finalidade de explicá-los ou de representar de alguma maneira o que desenharam. Assim, as crianças usam a escrita para uma variedade de funções antes de ingressarem na escola e só suspendem isso porque tudo o que construíram a respeito é visto, em geral, como inadequado segundo o processo tradicional da alfabetização.

Luçart (1983), em seus estudos, descreve a evolução do grafismo infantil, das garatujas, passando pelo desenho até chegar à escrita. Segundo essa autora, para se chegar à linguagem escrita há três níveis que a criança precisa vivenciar: nível motor, nível perceptivo e nível da representação.

Lacerda (1995) realizou um estudo sobre as interações entre oralidade, desenho e escrita com crianças deficientes mentais e Garcia (1994) estudou as características do desenvolvimento da linguagem escrita em crianças pré-escolares e destacou a participação do desenho nesse desenvolvimento.

Em seu trabalho sobre as interações entre o processo gráfico-plástico e o da escrita, Pillar (1996) enfocou as estratégias de representação elaboradas pela criança: ao cruzar os dados de sua pesquisa sobre desenho-escrita, constatou a existência de períodos comuns na construção daqueles dois sistemas, o do desenho e o da escrita.

Os estudos referidos mostram, em geral, que desenho e escrita estão de alguma maneira relacionados ao processo inicial de aquisição do sistema de escrita alfabética.

O relato que segue refere-se a um estudo que buscou identificar se há realmente uma relação entre desenho e escrita na aquisição da escrita alfabética, e de que tipo seria essa relação.

## A metodologia

O estudo realizado foi de ordem qualitativa e de caráter exploratório, conforme o modelo de comparação por cortes transversais da qualidade das condutas dos sujeitos, levantadas pelo método do interrogatório clínico de linha piagetiana.

A pesquisa foi realizada em uma pré-escola de um colégio de aplicação em Santa Catarina.

Os sujeitos foram selecionados por sorteio aleatório. Eram crianças em idade pré-escolar, de ambos os sexos e pertenciam a três faixas etárias, com limites inferiores de 2, 4 e 6 anos, respectivamente.

Foram sorteadas inicialmente quinze crianças, cinco de cada faixa etária. No decorrer do trabalho restaram apenas nove delas, três em cada grupo, que cumpriram todas as etapas previstas.

As entrevistas foram feitas no período de um mês, ocorrendo um encontro por semana com cada criança, em um total de cinco sessões.

O pesquisador pedia ao sujeito para fazer um desenho conforme o tema de cada sessão; depois, pedia-lhe para contar o que havia desenhado e para escrever o que desenhou.

Foram feitas perguntas do gênero: “Me conte o que você fez”, “Dá para escrever o que você desenhou?”. Essas perguntas foram ponto de referência do interrogatório clínico em todas as sessões.

Os dados foram coletados em cinco sessões de aplicação individual, identificadas por temas, a saber:

- Sessão 1: desenho livre, com o objetivo de observar se a criança produzia algum tipo de escrita espontaneamente;
- Sessão 2: desenho do brinquedo de que mais gosta, para observar se durante o momento da representação de algo específico a criança sentia alguma necessidade de usar outra forma de representação do que desejava;
- Sessão 3: desenho legendado, com a criança recebendo uma folha para desenhar livremente. Nessa folha constava uma palavra escrita em maiúsculas, de maneira convencional, para verificar se a presença dessa palavra influenciaria de alguma maneira o seu desenho;
- Sessão 4: desenho da parte que mais gostou de uma história, para observar se a criança produzia algum tipo de escrita explicativa de seu desenho;
- Sessão 5: desenho e escrita livre. O procedimento seguido foi o seguinte: depois que o sujeito desenhava, era-lhe solicitado que escrevesse o que havia desenhado. Após ele indicar o que era desenho e o que era escrita, o pesquisador escondia com um pedaço de papel o que o sujeito indicava como escrita e perguntava: “O que aconteceu agora que eu tapei o que estava escrito?”. O mesmo procedimento era repetido em relação ao que o sujeito indicou como desenho. Essa sessão teve como objetivo observar se a criança percebia a presença da escrita em relação ao desenho no mesmo espaço, e o que aconteceria quando uma dessas formas estava presente sem a outra.

Todo o transcorrer das entrevistas foi gravado em vídeo, para registrar todas as ações práticas, as atitudes (olhares, mímicas, gestos) e as verbalizações dos sujeitos, durante cada sessão. Os dados foram transcritos em protocolos contendo a descrição a mais precisa possível do eventos de cada sessão.

A análise qualitativa efetuada propôs-se a interpretar as produções gráficas do desenho e da escrita dos sujeitos, para se obter:

1. a descrição dos tipos de produções gráfica de cada sujeito em cada sessão;
2. a comparação dos tipos de produção nas diferentes sessões (comparação das produções do mesmo sujeito);
3. a comparação dos tipos de produção gráfica dos sujeitos da mesma faixa etária nas diversas situações de desenho (comparação dos sujeitos da mesma faixa etária);
4. a descrição e a comparação dos tipos de produção entre grupos de sujeitos (grupos etários).

Para verificar a possível relação entre os sistemas de representação da escrita e do desenho, foi então observado, em todas as tarefas, se o sujeito:

- fez junto ao seu desenho, espontaneamente, marcas gráficas não icônicas (não figurativas), ao ser solicitado a escrever;
- referiu-se a alguma marca gráfica em seu desenho como escrita, indicando-a com gestos (apontando com os dedos, olhos ou mímica) antes, durante e/ou depois que desenhou;
- fez em seu desenho marcas gráficas não icônicas, como um serrilhado contínuo ou outra marca não figurativa que se assemelhasse a grafias convencionais da escrita, quando solicitado a escrever o que desenhou, identificando-as como intenção de escrita;
- escreveu perto do desenho (em cima, embaixo ou ao lado) aquilo que tentou representar.

Especificamente na terceira sessão, foi observado também se o sujeito desenhou algo, ignorando o que estava no papel.

Na quinta sessão observou-se também se o sujeito atribuía significado ao que identificou como escrita, mesmo sem a presença do desenho ou vice-versa.



## Resultados e discussão

Em resposta às questões investigadas neste estudo, no caso dos sujeitos examinados, pode-se dizer que a relação entre desenho e escrita foi encontrada e tipificada como de proximidade física: a criança escreve próximo ao desenho.

A relação verificada apresentou-se quando, ao atender o pedido do pesquisador para escrever o que havia desenhado, as crianças nomearam cada desenho, isto é, escreveram o nome em cima, ao lado ou embaixo de cada coisa representada, buscando parear as duas formas de representação.

Essa proximidade física que a criança faz entre desenho e escrita foi observada nos três grupos investigados, mantendo-se ela intragrupo, isto é, em todas as crianças do mesmo grupo e intergrupo em todas as faixas etárias.

Em todos os grupos, essa relação de proximidade física foi interpretada pela necessidade de a criança dar significado à sua escrita e um significado relativo ao representado graficamente. Assim, não se tratava simplesmente de escrever qualquer coisa, mas, sim, o que havia sido desenhado pela própria criança. Sendo assim, a escrita convencional não tem significado quando aparece desacompanhada de uma imagem (sessão três). Vimos que a criança entende a escrita como uma espécie de legenda ou etiqueta daquilo que ela desenhou, mostrando que ainda não sabe qual é a importância social da mesma.

Os resultados desse estudo serão apresentados a seguir, em três blocos, conforme as faixas etárias de nossos sujeitos (grupo I, grupo II e grupo III). Para descrever as características das suas realizações por faixa etária, foi feita, anteriormente, uma análise de cada um dos sujeitos.

### *Grupo I – crianças do maternal (2;6 – 3;0)*

Todas as crianças desse grupo aceitaram o pedido para desenhar, ignorando a temática sugerida. Desenho, para esse grupo, significa contar coisas que se quer dizer naquele exato momento, e não contar o que o outro quer saber. O desenho parece auxiliar o pensamento para poder contar alguma idéia, daí a necessidade de falar durante o momento em que se está desenhando, anunciando antecipadamente suas intenções de desenho.

Nesse grupo, a relação investigada configurou-se claramente. As escritas foram feitas junto a cada desenho, estabelecendo assim uma correspon-

dência entre essas manifestações, ou seja, pareando-se o significante (desenho) a um traçado significado (escrita), na tentativa de dar sentido ao que fora escrito.

A relação nesse grupo aparece de forma menos complexa, servindo para a criança estabelecer a distinção entre a dimensão icônica e não icônica e para dar significado à sua escrita, pois ainda não há diferenciação interna na mesma. As escritas são sempre grafismos contínuos muito semelhantes.

Sobre a natureza funcional da escrita, percebeu-se que as crianças desse grupo fazem idéia do que é escrita a partir do momento que estabeleceram a proximidade física entre desenho e escrita, dizendo estar colocando o “nome das coisas”, estabelecendo assim uma relação de significado. Entretanto, demonstraram ainda desconhecer a função social da escrita, a de que esses nomes precisam ser entendidos por outros. O exemplo a seguir (Figura 1) ilustra a correspondência realizada pela criança entre o objeto desenhado e o nome escrito.

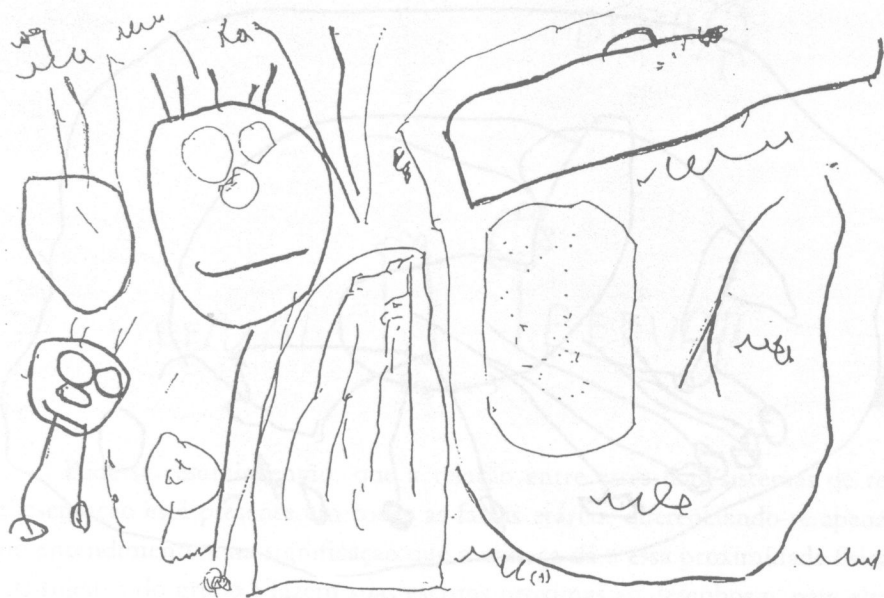


Figura 1

### *Grupo II – crianças do jardim (3;6 – 4;0)*

Nesse grupo, todos os sujeitos atenderam ao pedido para desenhar e respeitaram a temática solicitada para cada sessão. Começaram a escrever somente quando foram solicitados e fizeram uso de marcas gráficas diferenciadas do figurativo.

A relação de proximidade física continua sendo entre cada desenho e cada escrita, como se vê na produção gráfica ilustrada abaixo (Figura 2): o sujeito que a fez ainda traçou riscos entre o seu desenho e a sua escrita. Nesse grupo, observou-se que, a partir do momento em que a criança começa a perceber que a escrita possui uma função específica de comunicar uma idéia para que outro a entenda, tal relação começa a se tornar mais necessária.

Esse é um indicador de que a criança começa a compreender a função social da escrita, tendo a necessidade de escrever perto do desenho. O próximo exemplo demonstra claramente o que foi observado nas crianças do grupo, cujas realizações ora são descritas.

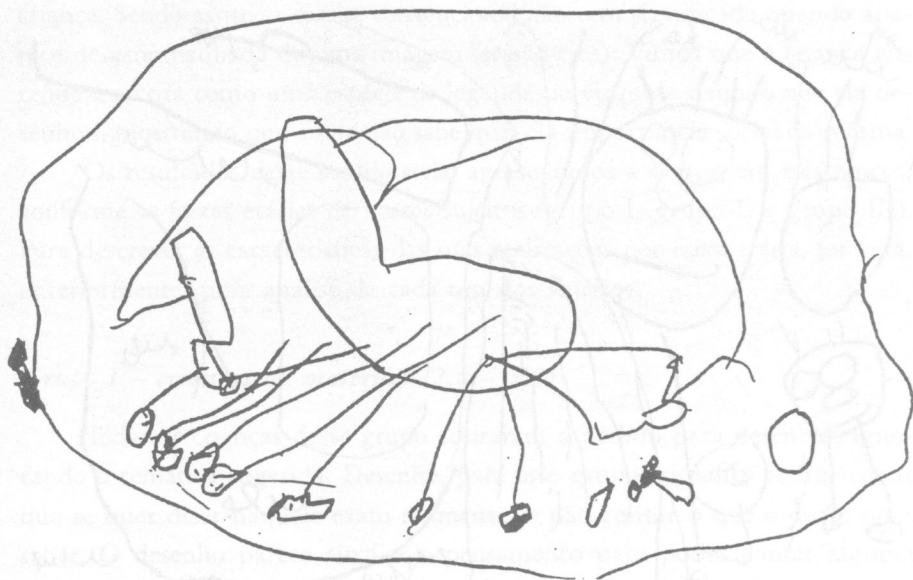


Figura 2



### Grupo III – crianças do pré-escolar (5;0 – 6;0)

Todos os sujeitos desse grupo respeitaram os temas solicitados para os desenhos. Negaram saber escrever, escrevendo somente com a insistência do pesquisador, indicando conhecer a existência de regras para a escrita.

A necessidade apontada torna-se mais evidente, pois a criança já sabe que existe uma maneira correta de escrever, que elas não conhecem e que o desenho tem uma função fundamental de completar a sua escrita. As crianças desse grupo, ainda que pré-silábicas, mostraram-se mais avançadas do que as dos outros grupos. Além disso, uma delas, no decorrer das atividades, superou os estágios anteriores e tornou-se silábico-alfabética. Pode-se depreender que as atividades e a intervenção do experimentador ajudaram-na em tal progresso.

Vimos que, nessa faixa etária, a criança está começando a entender qual é a função da escrita, daí a necessidade do desenho. Mas ela ainda desconhece que a escrita tem vida própria, que os símbolos para escrever são convencionados e que existem regras para seu uso.

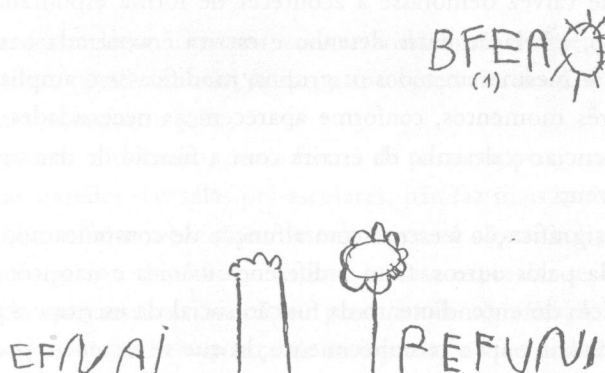


Figura 3

Pode-se resumir, então, que a relação entre esses dois sistemas de representação está presente em todas as faixas etárias, diferenciando-se apenas no entendimento e na significação que a criança dá a essa proximidade física. Os sujeitos do grupo I fazem suas escritas próximas aos desenhos e, para eles, parece óbvio que está escrito aquilo que ela desenhou. Conforme a criança vai compreendendo a função da escrita, de comunicar idéias, a proximidade torna-se necessária, como vimos nos grupos II e III.

A relação encontrada não acontece de forma espontânea: foi provocada pelo tipo de atividade sugerida e, principalmente, pela intervenção do pesquisador.

Observou-se que a referida relação se estabelece porque a criança começa a tentar compreender a função da escrita, enquanto transmissora de idéias, daí a necessidade do desenho. Mas ela desconhece que a escrita tem vida própria, que os símbolos para escrever são convencionados e existem regras para seu uso.

Tal relação é fruto de uma intervenção do mais experiente culturalmente, que provoca a criança a entender a necessidade de dar significado à sua escrita e compreender a sua função social, pois isso é fundamental para a aquisição do sistema de escrita.

Entende-se que as atividades propostas ampliaram as possibilidades de crescimento qualitativo da forma de entender a escrita, pois, na interação pesquisador/criança, houve intervenção do primeiro, constituindo-se uma ocasião para que uma experiência significativa com o objeto escrita fosse oferecida à criança, o que talvez demorasse a acontecer de forma espontânea.

Portanto, a relação entre desenho e escrita encontrada nesse trabalho, apesar de ser a mesma em todos os grupos, modifica-se e amplia-se em cada grupo, em três momentos, conforme aparecem as necessidades de:

- Diferenciar o desenho da escrita com a função de dar significação ao que se escreveu;

- Dar significação à escrita com a função de comunicação, para que ela seja entendida pelos outros. Com a diferença icônica e não icônica estabelecida, há o início do entendimento da função social da escrita e a proximidade torna-se necessária para o reconhecimento do que se escreveu, já que o sujeito ainda não percebeu que existe uma convenção para se escrever;

- Comunicação, pois já existe a preocupação com a função de leitura, logo, a função social da escrita fica mais clara. As crianças mostram consciência da convenção da escrita e têm noção de que não sabem escrever. A proximidade aparece agora porque elas se dão conta de que sua escrita não está correta e o desenho esclarece o que elas tentaram escrever.

Sendo assim, o desenho na pré-escola é fundamental. Além de desenvolver os traços gráficos da criança e ampliar sua forma de representação, possibilita, juntamente com a escrita livre (como a criança pensa ser), a elaboração da função social da escrita.

As atividades com desenho e escrita podem dar à criança a oportunidade de entender que aquilo que ela pensou pode ser desenhado, passando assim da linguagem oral para a linguagem gráfica, desenhando. E entende também que tudo aquilo que desenhou pode ser traduzido para a forma escrita e que essa é mais elaborada, necessitando de regras para poder cumprir sua função social.

Dessas interpretações, podemos retirar as seguintes implicações pedagógicas, relevantes para trabalho de educação infantil na pré-escola:

- a. o desenho deve ser entendido como uma atividade cognoscente que possibilita à criança avançar e ampliar sua representação gráfica;
- b. as atividades com desenho influenciam o entendimento sobre a função comunicativa da escrita. Mesmo as crianças menores escrevem no seu desenho e essa produção poderá servir para a professora como pista sobre o processo de compreensão do sistema da escrita;
- c. as atividades de desenho devem ser diversificadas; portanto, devem ser planejadas de forma a possibilitar diferentes formas de representação gráfica;
- d. o professor deve interferir, conversando sobre o desenho e as tentativas de escritas, possibilitando, assim, a interpretação do desenho e das escritas em suas transformações.

Sendo assim, o desenho, como forma de passatempo ou mero objeto de decoração nas paredes das salas pré-escolares, não faz mais sentido. A criança precisa desenhar e falar sobre o seu desenho, precisa contar coisas que viu, ouviu, pensou enquanto desenhava. Enfim, precisa expressar-se de forma gráfica, de modo que essa enriqueça seu processo de significação.

Dar a oportunidade à criança de interpretar o que desenhou e escrever o que fez é interessante para que o professor tenha a compreensão da psicogênese da escrita realizada pela criança e, a partir daí, interfira, de forma adequada, nesse processo. Além disso, permite que a criança tome consciência e reflita sobre suas produções gráficas e sobre as diferenças entre elas.

## Resumo

O estudo busca verificar se há relação entre desenho e escrita nos momentos iniciais de aquisição da escrita alfabética de crianças em idade pré-escolar. Examina-se a hipótese de que o desenho tem algum tipo de relação com o desenvolvimento

inicial do sistema de escrita e que essa relação pode ser descrita qualitativamente. O estudo, em corte transversal, foi realizado com crianças de três faixas etárias, com limites inferiores de 2, 4 e 6 anos. Os resultados analisados apontam para a existência de uma relação interessante, de proximidade física, entre desenho e escrita, durante o período em que a criança começa a reconhecer que há uma outra forma gráfica que expressa as coisas que ela desenha. Algumas implicações pedagógicas para a educação pré-escolar são discutidas a partir da relação encontrada.

*Palavras-chave:* desenho; escrita; alfabetização.

### **Abstract**

*The study aimed to verify whether there is a relationship between drawing and writing in the early stages of the alphabetical writing acquisition of preschool aged children. An investigation was made concerning the assumption that the drawing has some sort of relationship to the initial development of the writing system and that this relationship may qualitatively described. The cross section study was carried out with children from three age groups, the initial ages being 2, 4 and 6 years old, respectively. The results pointed to the existence of an interesting relationship of physical approximation between drawing and writing during the period in which the child begins to realize the existence of another graphic form of expressing the things he/she has drawn. Some pedagogical implications of the results for preschool education are suggested.*

*Key-words:* drawing; writing; literacy.

### **Resumen**

*Este estudio pretende verificar si existe una relación entre el dibujo y la escritura en los momentos iniciales de la adquisición de la escritura alfabética por parte de niños en edad preescolar. Se analiza la hipótesis de que el dibujo tiene algún tipo de relación con el desarrollo inicial del sistema de escritura, y que esa relación puede ser descrita cualitativamente. Este trabajo, a la manera de un corte transversal, fue realizado con niños de tres edades distintas, con límites inferiores de 2,4 y 6 años. Los resultados analizados apuntan la existencia de una interesante relación de cercanía física entre el dibujo y la escritura durante el período en el cual el niño empieza a reconocer que existe una forma gráfica que expresa aquellas cosas que éste dibuja. Son discutidas también algunas implicaciones pedagógicas para la educación preescolar en la relación encontrada.*

*Palabras claves:* dibujo; escritura; alfabetización.

## Referências

- Ferreiro, E. e Teberosky, A. (1991). *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Freinet, C. (1989). *O método natural I e II. A aprendizagem da língua e do desenho*. Lisboa, Editora Estampa.
- Garcia, J. J. J. (1994). *As primeiras notações gráficas na criança: estudo com crianças entre 2 e 4 anos*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC.
- Goodman, Y. (1995). "O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas". In: Ferreiro, e Palácio, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Lacerda, C. B. F. (1995). *Inter-relação entre oralidade, desenho e escrita. O processo de construção do conhecimento*. São Paulo, Editora Cabral.
- Luçart, L. (1983). Le graphisme et l'écriture chez l'enfant. *Revue Française de pédagogie*, n. 65.
- Luria, A. R. (1988). "O desenvolvimento da escrita na criança". In: Vygotsky, L. S, e Luria, A. R. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo. Ícone.
- Pillar, A. (1996). *Desenho e construção da escrita na criança*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Sinclair, H. (1990). *A produção de notações na criança*. São Paulo, Cortez.
- Tolchinsky, L. e Levin, I. (1990). O desenvolvimento da escrita em crianças israelense pré-escolares. In: Ferreiro, E. e Palácio, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes.

---

Maria Lucia Faria Moro  
Universidade Federal do Paraná  
E-mail: mlfmoro@sul.com.br  
Valéria Silva Ferreira  
Universidade do Vale do Itajaí  
E-mail: valeria@cehcom.univali.br